

LITURGIA HISTÓRICA E LITURGIA CONTEMPORÂNEA – HISTÓRIA E TEOLOGIA – LIMITES E POSSIBILIDADES

HISTORICAL LITURGY AND CONTEMPORARY LITURGY -
HISTORY AND THEOLOGY - LIMITS AND POSSIBILITIES

Filipe Schneider¹

Clóvis Jair Prunzel²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre aspectos teológicos da liturgia luterana tradicional e os limites e possibilidades no emprego e elaboração de liturgias contemporâneas. A pesquisa foi realizada tendo como base autores luteranos confessionais. O que se observou é que a liturgia luterana possui determinadas características essenciais que devem ser preservadas ao se produzir novas liturgias, sendo essas características aquilo que mantém a identidade e a confessionalidade luterana na adoração do povo de Deus.

Palavras-chave: Liturgia. Identidade. Culto. Renovação. Tradição.

Abstract: This research has as goal to reflect on theological aspects of the Traditional Lutheran Liturgy and the limits and possibilities in the use and elaboration of contemporary liturgies. The research was

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, ULBRA (2007). Pós-graduado em Teologia e Bíblia pela ULBRA (2021). Artigo de conclusão para obtenção da Especialização em Teologia e Bíblia, ULBRA (2021).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo (1991). Mestre em Teologia, Seminário Concórdia (1997). Doutor em Teologia Sistemática, Concordia Theological Seminary, Fort Wayne, EUA (2014).

conducted based on confessional Lutheran authors. What was been observed is that the Lutheran Liturgy has certain essential characteristics that must be preserved when producing new liturgies. These characteristics maintain the Lutheran identity and confessionalism in the worship of God's people.

Keywords: Liturgy. Identity. Worship. Renovation. Tradition.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um estudo sobre a liturgia histórica e/ou tradicional e as possibilidades do uso de liturgias contemporâneas como alternativas autênticas e válidas para o culto da igreja.

Ao longo de séculos, a liturgia tem servido ao povo de Deus em sua adoração e serviço. A liturgia histórica, tal qual a temos hoje, é fruto de um longo e cauteloso processo de construção. Por se tratar de algo antigo, a litúrgica histórica tem sido alvo de discussão no que diz respeito ao seu uso nos tempos atuais.

Por definição, o cristianismo é centrado na obra de Cristo que veio salvar pecadores. Conforme 1Timóteo 1.5, as Escrituras dão esse claro testemunho com respeito a Cristo. Portanto, a adoração cristã pode ser caracterizada da mesma forma. No culto cristão existe um intercâmbio entre Deus, aquele que salva pecadores, e pecadores que necessitam de salvação (LCMS Commission on Worship, 1996, p.2)

A liturgia, então, serve ao povo de Deus nesse processo intercambial. Contudo, há quem diga que, em nossos dias, a liturgia histórica não comunica eficazmente o seu conteúdo, razão pela qual pode ou deve ser substituída por alternativas contemporâneas que estejam em maior conexão com realidade atual e, assim, possam desempenhar de maneira mais eficaz o intercâmbio entre Deus e seu povo, comunicando de forma mais clara a Palavra de Deus e a entrega de seus dons à igreja.

A questão a que este artigo pretendeu responder é se uma liturgia contemporânea bem construída teologicamente tem valor idêntico à liturgia considerada tradicional, ou é a liturgia tradicional a única forma que garante esse valor teológico?

Para tanto, a pesquisa procurou refletir sobre os limites e as possibilidades no emprego da liturgia histórica e da liturgia contemporânea, explorando aspectos históricos, teológicos e doutrinários da liturgia tradicional.

A metodologia empregada na pesquisa foi a abordagem qualitativa e de natureza básica, pois pretendeu avançar no conhecimento sobre o tema de estudo proposto. Quanto aos objetivos, ela foi de caráter exploratória, porque buscou mapear parte do que já foi escrito sobre o tópico de estudo selecionado. Para realizar a pesquisa, o procedimento técnico de investigação foi a pesquisa bibliográfica.

Por conseguinte, em sua primeira parte, o trabalho se constituiu de uma pequena abordagem sobre o caráter da discussão proposta, apresentando a relação entre a liturgia e os adiaforos. Na segunda parte, apresenta-se uma exposição quanto às características da liturgia histórica, de maneira a serem vistos os aspectos que são essenciais a ela e que se relacionam com a identidade luterana.³ Em sua terceira parte, por fim, é oferecida uma reflexão sobre o uso de liturgias contemporâneas, abordando as razões para o seu emprego, bem como os limites que norteiam seu uso e construção.

SERIA A LITURGIA UM SIMPLES ADIÁFORO?

Quando o assunto em questão são os diferentes empregos da liturgia com a utilização de formas, estilos e textos variados, ou mesmo o seu emprego sem algum tipo de ordem preestabelecida pela tradição, o argumento que pode emergir é o de que as Confissões Luteranas se referem à liturgia como um adiaforo, sendo, portanto, algo que pertence à categoria de coisas que Deus não proíbe e também não ordena.

Desse argumento pode surgir a interpretação de que toda a questão que envolve o emprego da liturgia histórica ou o movimento de renovação litúrgica é algo que fica dentro da liberdade da igreja e das congregações locais. Assim, cada congregação tem a liberdade de cortar, inserir,

3 O uso do termo “identidade”, neste trabalho, é referente à identidade doutrinária e se relaciona com aquilo que confessamos e que preserva o evangelho.

excluir, adaptar e produzir novos textos litúrgicos de acordo com a sua realidade e contexto. No entanto, será que as Confissões dão margem a tal prática?

John Pless, em artigo publicado sob o título *O relacionamento de Adiafóra e Liturgia nas Confissões Luteranas*, afirma que “não podemos descartar as questões litúrgicas com a resposta rápida de que ‘a liturgia é apenas um adiafóra’” (PLESS, 1990, p.1). Segundo o autor, embora existam usos e cerimônias litúrgicas que podem ser identificados como adiaforos, as Confissões demonstram que há aspectos teológicos e cristológicos atrelados à liturgia. Esses aspectos fazem dessa discussão uma discussão mais profunda.

Pless considera ser perigoso igualar liturgia com adiafóra. Para ele, a “liturgia sempre confessará ou negará o evangelho, e o evangelho nunca é um adiafóra” (PLESS, 1996, p.23). Ressalta-se, assim, que a discussão em torno da liturgia passa pela discussão doutrinária, porque a liturgia se relaciona de forma íntima com o evangelho, seja confessando-o ou negando-o. A partir desse entendimento, seguem-se alguns aspectos teológicos que caracterizam a liturgia luterana histórica e que contribuem para o tópico deste artigo.

O QUE CARACTERIZA A LITURGIA LUTERANA HISTÓRICA?

Justificação pela fé

A justificação pela fé, entre tantos outros, certamente é o assunto mais caro para o luteranismo. A doutrina da justificação é o centro que organiza toda a teologia luterana. Em meio aos desvios da igreja medieval, onde sacrifícios e obras estavam presentes na liturgia e eram exigidos para o recebimento do perdão e da salvação, a redescoberta de Lutero, de que o homem é aceito por Deus mediante a fé, trouxe impactos para toda a teologia confessional luterana.

David Scaer afirma que:

No centro da teologia luterana está a doutrina da livre justificação do pecador diante de Deus por causa da morte e dos méritos de Cristo. A ênfase na espiritualidade luterana, se devemos usar essa palavra,

está no que Cristo fez por nós diante de Deus e não no que ele está fazendo em nós. Assim, em certo sentido, os luteranos conhecem apenas essa doutrina da justificação. Todas as doutrinas são vistas do ponto de vista da justificação (SCAER, 1999, p.9).

Dada a relevância da doutrina da justificação, não é exagero afirmar que ela é o norte e o fundamento da teologia luterana confessional de adoração e culto. O próprio Lutero esforçou-se para que a liturgia comunicasse a ação justificadora de Deus para com o homem. Ele não pretendeu criar uma nova liturgia, mas reformular a missa histórica de forma coerente com a doutrina da justificação. As reformas litúrgicas promovidas por Lutero tinham no seu cerne a doutrina da justificação pela fé, de modo que a ação de Deus deveria ser claramente distinguida de todo o esforço humano (PLESS, 1990, p.2).

Percebe-se que a ênfase da teologia luterana na questão central da justificação pela fé se reflete no culto e liturgia luteranos, onde as emoções e sentimentos não estão no centro, mas o que Cristo faz em nós através dos meios da graça (Palavra e sacramentos).

Assim como o ser humano tem caráter passivo ao ser justificado por Deus, a igreja também assume passividade na liturgia. Uma vez que o culto é o serviço público no qual Deus entrega perdão ao seu povo através de sua Palavra e sacramentos, a igreja assume uma postura de receptividade da fé. Esse caráter passivo da adoração da igreja, no qual a igreja recebe o que Deus oferece, se mostra evidente no artigo IV da Apologia:

E pode discernir-se facilmente a diferença entre esta fé e a justiça da lei: fé é a *latreia* que recebe os benefícios oferecidos por Deus; justiça da lei, a *latreia* que oferece a Deus méritos nossos. Pela fé, Deus quer ser cultuado de maneira tal que, recebamos o que promete e oferece (MELANCHTON, 2006, p.117).

Essa afirmação de nossos confessores ressalta a diferença entre a verdadeira adoração e a falsa adoração. A primeira consiste primordialmente em receber de Deus, pela fé, o que ele promete e oferece. A segunda é baseada na justiça da lei, que oferece a Deus méritos próprios. Aqui fica evidente o caráter da doutrina da justificação presente na adoração do povo de Deus e como característica da liturgia histórica luterana.

O perdão dos pecados

Muitos cultos evangélicos atuais enfatizam as emoções, trazem entretenimento, fornecem motivação para uma vida santificada ou até mesmo se caracterizam por uma espécie de terapia para as angústias momentâneas. Certa vez, ouvi de um membro de minha paróquia,⁴ que em um período em que ele estava procurando encontrar-se em uma igreja, acabou frequentando uma denominação neopentecostal. Segundo ele, aquela experiência foi uma espécie de pronto-socorro psicológico, mas não se ouvia falar de perdão de pecados!

A liturgia luterana histórica é caracterizada pela entrega do perdão. Conforme John Pless:

Na liturgia, o próprio Deus está presente para perdoar os pecados. A real presença de Cristo, o perdoador de pecados, em suas palavras e com seu corpo e sangue, moldaram o *cultus*, as formas litúrgicas do luteranismo confessional (PLESS, 1996, p.24).

O perdão de pecados na liturgia luterana histórica pode ser relacionado pela observação de dois aspectos: 1) o culto é Serviço Divino, 2) a presença real de Cristo na liturgia.

Sobre o primeiro aspecto, o culto como Serviço Divino, Pless afirma que:

A liturgia é *Gottesdienst*, serviço divino, o serviço do Senhor para nós através da proclamação de sua palavra e da entrega de seu corpo e sangue. Na teologia das Confissões Luteranas, Deus é o sujeito, não o objeto da ação litúrgica. A trajetória é do Senhor para sua igreja e depois da igreja para seu Senhor. Em Lucas 22.27, logo após ter estabelecido a Ceia do seu corpo e sangue, o Senhor diz: “*Pois, no meio de vocês, eu sou como quem serve*”. Este versículo incorpora o entendimento luterano da liturgia; é o serviço que Jesus presta à sua igreja, prestado por graça e recebido pela fé (PLESS, 1996, p.24).

O Serviço próprio de Deus é o de perdoar pecados (Sl 86.5). Ele o faz ao entregar ao seu povo sua Palavra e sacramentos. De modo que,

4 Filipe Schneider, um dos autores, é pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) na Congregação da Cruz, de Goiânia, GO, desde agosto de 2009.

a liturgia, como Serviço Divino, entrega perdão de pecados. Portanto, a “liturgia não existe para fornecer entretenimento edificante, motivação para uma vida santificada ou terapia para angústias psicológicas, mas para conceder o perdão dos pecados” (PLESS, 1996, p.23).

O segundo aspecto na liturgia relacionado ao perdão é o da presença real de Cristo, “que se rebaixa e coloca suas palavras em nossos ouvidos e seu corpo e sangue em nossas bocas.” (PLESS, 1996, p.23). A teologia luterana entende que Cristo está realmente presente no culto. Sua presença é garantia de perdão. Cristo se torna o liturgista da igreja. Por sua vida, palavra e dons, a igreja recebe o perdão de pecados.

Diferentemente de tradições litúrgicas que enfatizam o culto como a ação humana ou a obediência prestada a Deus, luteranos vão ao culto porque esse é o Serviço de Deus que entrega perdão. Conforme Scaer:

Uma vez que os sacramentos são vistos como a presença e atividade reais de Cristo na igreja, torna-se impossível para uma espiritualidade luterana se concentrar interiormente, mas sempre exteriormente em Cristo – e isso significa nos sacramentos. A certeza da salvação não está no crente, mas na palavra pregada e nos sacramentos, onde Cristo está presente (SCAER, 1999, p.9).

Lei e evangelho

Na teologia luterana, o cristão é confrontado com um certo dualismo em muitos aspectos: *justos e pecadores, culpa e graça, já e ainda não*. Embora a Palavra de Deus sempre permaneça com seus efeitos e não se contradiga, esse dualismo, de certo modo, pode ser sintetizado no ensino luterano da distinção entre lei e evangelho.

Do ponto de vista ontológico, lei e evangelho revelam que o cristão é ao mesmo tempo pecador e santo. David Scaer afirma que quando o cristão

[...] ouve a pregação do evangelho, ele é levado a acreditar que Deus o considera um santo e lhe deu tudo no céu e na terra. Quando olha para si mesmo, não vê um santo, mas apenas um pecador que desagradou totalmente a Deus em tudo que fez (SCAER, 1999, p.9).

Assim como a doutrina da justificação pela fé, a distinção luterana entre lei e evangelho também exerce influência na teologia luterana do

culto. Essa influência é tamanha ao ponto de Scaer afirmar que “para que uma liturgia seja luterana, deve ser continuamente apresentada como a pregação da lei e do evangelho” (SCAER, 1999, p.10).

A distinção entre lei e evangelho na liturgia luterana tradicional se faz evidente na confissão e absolvição do culto público. Lei e evangelho são o fundamento ou o motivo para esse rito litúrgico. O cristão, como diria Lutero, é *simul iustus et peccator*. De modo que “a parte de mim que permanece pecadora é tão irremediada quanto a de um descrente. [...] A espiritualidade luterana gira em torno da consciência contínua de que os santos batizados são tão pecadores quanto eram antes de serem batizados” (SCAER, 1999, p.9).

A vida cristã é uma continuação do que ocorreu no batismo, ou seja, o significado interno do batismo é repetido. Lei e evangelho estão presentes naquilo que a teologia luterana chama de batismo na vida diária. No *Catecismo Menor*, ao responder à pergunta “Que significa esse batizar com água?”, Lutero responde dizendo:

Significa que o velho homem em nós, por contrição e arrependimento diários, deve ser afogado e morrer com todos os pecados e maus desejos, e, por sua vez, sair e ressurgir diariamente novo homem, que viva em justiça e pureza diante de Deus eternamente (LUTERO, 2016, p.23).

Essa relação do batismo na vida diária com lei e evangelho (morte e ressurgimento) é importante para a compreensão da presença da distinção de lei e evangelho na liturgia, uma que vez que, no culto, a reunião que existe é a de pessoas batizadas. Scaer observa que o batismo perpassa várias partes da liturgia. Ele diz que:

A congregação reúne uma igreja de Cristo porque foi batizada; e este direito de se reunir como santos batizados é anunciado com as palavras “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, palavras essas que são essenciais para a adoração corporativa. [...] O salmo de abertura do Introito inclui o *Gloria Patri* porque a congregação foi incorporada a Cristo por meio do batismo. O Credo Apostólico ou Credo Niceno são confessados porque a congregação está repetindo as respostas que deram quando cada um foi perguntado no momento do batismo: “Você crê em Deus, e em seu Filho Jesus Cristo, e no Espírito Santo?” (SCAER, 1999, p.10).

Por causa do caráter perpétuo do batismo, a confissão e absolvição foram mantidos no culto público luterano. Para Scaer:

No ambiente corporativo da congregação de adoração, o pastor que uma vez batizou repete a essência do batismo ouvindo a confissão do batizado e novamente perdoadando seus pecados. Esta contínua confissão e absolvição na vida do cristão não só é possível, mas necessária e exigida, porque o cristão continua pecador enquanto viver. Ele realmente precisa da lei porque ele é sempre pecador e ele realmente precisa do evangelho porque sem ele nunca saberia que Deus o perdoou em Cristo. Essa acusação e perdão do pecador não ocorre apenas na pregação, mas na confissão ao pastor e no recebimento de sua absolvição (SCAER, 1999, p.10).

Como se percebe, lei e evangelho perpassam o rito litúrgico luterano. Após a confissão e absolvição, a congregação entoia o *Kyrie Eleison*: “Senhor, tem piedade de nós. Cristo, tem piedade de nós. Senhor, tem piedade de nós”. Na sequência do rito, canta-se o *Gloria in excelsis*: “Ó Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai, que tiras o pecado do mundo, tem compaixão de nós”. Lei e evangelho mais uma vez são proclamados e ouvidos através das leituras bíblicas e da homilia. E assim, enquanto a congregação se prepara para receber o corpo e sangue de Cristo, ela ora novamente por perdão na Oração Dominical, dizendo: “e perdoa-nos as nossas dívidas” (SCAER, 1999, p.10).

Conforme Grime, a mensagem de lei e evangelho na liturgia da igreja denota um caráter cuidador do Serviço Divino para com o povo de Deus. Assim o autor afirma:

É claro que, como os luteranos sabem, as boas novas do perdão e da vida nunca são ditas isoladamente, mas, sim, em conjunto com a severa advertência de que somos pecadores condenados. Esta é a Lei e o Evangelho – sempre distintos, nunca separados. E assim o Serviço Divino cuida de nós, dando-nos a Palavra de Deus em toda a sua plenitude (GRIME, 2012, p.13).

Portanto, conforme demonstrado, fica evidente que a presença de lei e evangelho são uma característica indissociável da liturgia luterana histórica.

Meios da graça (Palavra e sacramentos)

Os meios da graça, Palavra e sacramentos, sempre tiveram papel central na adoração do povo de Deus. “Desde a Igreja Primitiva, a Palavra e os Sacramentos formam o centro da liturgia do culto. Ambos formam uma unidade, cujo grande objetivo é mostrar a obra de Deus por meio de Jesus” (KARNOPP, 2012, p.67)

Palavra e sacramentos compõem duas estruturas do Serviço Divino desde os primórdios da igreja. “Quando os primeiros cristãos estavam reunidos em uma pequena sala em uma igreja doméstica, eles simplesmente liam a palavra e comiam sua refeição. Suas canções e orações eram oferecidas à luz de sua Palavra e em ação de graças pela Ceia” (JUST, 1993, p.37). Portanto, vê-se que o culto da igreja primitiva se constituía de cantos, orações, leitura bíblica e celebração da ceia. Arthur Just afirma que:

O padrão da presença de Cristo na Palavra e na Ceia é uma comunhão contínua à mesa com Deus que remonta ao Antigo Testamento e antecipa a festa de casamento do Cordeiro no céu. Se traçarmos as estruturas litúrgicas da Palavra e do Sacramento ao longo da história da liturgia, essas estruturas são fundamentais em todos os períodos como pedras angulares estáveis (JUST, 2002, p.27).

Palavra e sacramentos são também o que, segundo as Confissões Luteranas, definem a própria igreja. Segundo o Artigo VII da Confissão de Augsburg:

[...] sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho (MELANCHTON, 2006, p 31.1)

Portanto, “Palavra e Sacramentos não podem ser comprometidos, pois são estabelecidos pelo próprio Deus” (PLESS, 1990, p.5). No culto, Deus se faz presente para salvar porque sua Palavra é pregada e os seus sacramentos são administrados. A “adoração da igreja é o lugar onde o próprio Deus distribui sua Palavra e Sacramentos que dão vida” (LCMS Commission on Worship, 1996, p.1).

A importância da Palavra e dos sacramentos para o povo de Deus, sua igreja, é tão grande, que se pode afirmar que a liturgia existe em torno desses meios da graça. O desenvolvimento litúrgico na igreja aconteceu em função da Palavra e dos sacramentos.

Na liturgia, os dons de Deus são distribuídos ao Seu povo. Como a Palavra e os sacramentos de Deus não existem no vácuo, a liturgia serve para fornecer uma estrutura através da qual esses dons são entregues à congregação. Desde os primeiros tempos, essa estrutura exibia dois padrões básicos: um para a oração diária de manhã e à noite e o outro para a celebração semanal regular da Ceia do Senhor. Ao longo de séculos de desenvolvimento cauteloso, vários textos bíblicos tornaram-se componentes constantes dessas liturgias históricas. Em geral, esses textos concentram a atenção no plano de salvação de Deus, na pessoa e obra de Cristo, e na natureza e bênçãos da Ceia do Senhor (LCMS Commission on Worship, 1996, p.3).

Depois de séculos de história e desenvolvimento litúrgico, a igreja hoje dispõe de uma liturgia elaborada em torno dos meios da graça. No entanto, “quando todos os acréscimos são eliminados, tudo o que resta é a liturgia da Palavra e a liturgia da Santa Comunhão” (JUST, 1993, p.37).

Os ordinários

A liturgia, transmitida ao longo dos séculos, possui uma estrutura comum que inclui os textos padrões conhecidos como Ordinários: *Kyrie*, *Gloria in excelsis*, *Sanctus e Agnus Dei*. “Os Ordinários são uma parte vital da rica tradição que nos foi transmitida” (JUST, 2002, p.29).

Como parte do *ordo* da liturgia, os Ordinários são hinos litúrgicos de louvor que se localizam, como já referido, em torno das estruturas litúrgicas da Palavra e do sacramento. Surgiram para acompanhar os deslocamentos dentro das basílicas na era constantiniana, seja o movimento da entrada do clero e seus assistentes na liturgia, ou o movimento de entrada do pão e do vinho para a celebração da eucaristia. Uma característica fundamental dos Ordinários é que o seu conteúdo é Escriturístico. O *Kyrie* é extraído de Lucas 18; o *Gloria in excelsis*, de Lucas 2. Já o *Sanctus*, o mais antigo dentre eles, é extraído dos textos de Isaías 6 e do salmo 118. E o *Agnus*

Dei é fundamentado no testemunho de João Batista a respeito de Jesus em João 1 (cf. JUST, 2002, p.28).

Por se tratar de textos bíblicos (meio da graça), os Ordinários assumem o caráter Escriturístico da liturgia histórica. “Essa combinação de Palavra e sacramento com os Ordinários compõe o que é comumente chamado de ‘liturgia histórica da Igreja’, que já existia no século VII” (JUST, 2002, p.28).

Uma vez que os Ordinários são textos extraídos das Escrituras, pode-se afirmar que eles são uma resposta adequada de louvor, ação de graças e petições do povo de Deus. De acordo com Norman Nagel:

Dizendo a Ele [Deus – grifo do autor] o que ele nos disse, repetimos o que é mais verdadeiro e seguro... O ritmo de nossa adoração é dele para nós, e então de nós de volta para ele. Ele dá seus presentes, e juntos os recebemos e os exaltamos. Nós edificamos uns aos outros ao falarmos uns com os outros em salmos, hinos e canções espirituais... Somos herdeiros de uma tradição surpreendentemente rica. Cada geração recebe daqueles que os antecederam e, ao fazerem sua própria tradição do Serviço Divino, adicionam o que melhor pode servir em seus próprios dias – a herança viva e algo novo (NAGEL apud JUST, 2002, p.29).

Assim, os Ordinários são a resposta do povo de Deus aos dons recebidos com gratidão e louvor. Essa resposta é segura e verdadeira por tratar-se da própria Palavra de Deus, o que faz dos Ordinários uma característica essencial da liturgia luterana histórica.

REFLEXÕES SOBRE O USO DE LITURGIAS CONTEMPORÂNEAS

Por que falar em renovação litúrgica?

Há alguns anos, ouvi de um jovem de minha paróquia o seguinte questionamento: “Pastor, por que o culto tem que ser chato?” Essa questão leva a algumas ponderações. Para esse jovem, o culto seria chato porque ele não é corretamente compreendido? Por que é tradicional? Por que não comunica eficazmente? Seja como for, o fato é que quando se fala em renovação litúrgica ou na utilização de ordens de culto contem-

porâneas, há de se convir que isso decorre de certa insatisfação com a vida litúrgica da igreja, ou, ao menos, que a liturgia tradicional não tem desempenhado a contento seu significado na vida das pessoas. “Não se falaria de renovação se as pessoas estivessem satisfeitas com sua vida litúrgica ou se estivessem convencidas de que a liturgia tem significado para elas” (JUST, 1993, p.21).

Além disso, a influência da efemeridade pós-moderna tem sido grande no que diz respeito à adoração da igreja. Percebe-se, com frequência, que os critérios para a utilização de ordens de culto contemporâneas acabam sendo os mesmos critérios que são utilizados na sociedade: “Se não funcionar, conserte, mude, mexa até que esteja certo” (JUST, 1993, p.22).

Outra razão pela qual se faz necessário falar sobre renovação litúrgica é porque dentro do âmbito da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) percebe-se grande influência, em sua prática de culto, exercida por teologias de adoração alheias à tradição luterana. Essa realidade se mostra no fato de que muitas congregações têm importado músicas e hinos de teologia duvidosa e os utilizam em seus cultos. A utilização desse material em congregações luteranas certamente pode provocar estragos em sua teologia e confessionalidade. O que diferencia e ressalta a identidade luterana pode ser ofuscado. O caráter cristocêntrico de adoração se perde em meio a conceitos antropocêntricos de adoração presentes nessas músicas. O resultado é que as pessoas passam a entender a adoração com as lentes erradas. Perde-se a riqueza do conceito de culto pautado na ação de Deus e que foi reafirmado pelos nossos confessores. Por fim, perde-se a identidade luterana como igreja genuinamente evangélica.

Por outro lado, há quem diga que o emprego da liturgia histórica é uma barreira para a missão. Por conter uma linguagem específica do povo de Deus, a liturgia não seria capaz de comunicar-se corretamente com os *desigrejados*, não cristãos e até mesmo com muitos luteranos de nosso tempo. De modo que:

Uma das razões frequentemente apresentadas para simplificar ou descartar a liturgia é a preocupação de que a liturgia e a hinódia da Igreja contenham elementos e conceitos que não são compreensíveis, tanto para os sem igreja quanto para o membro habitual da igreja (LCMS Commission on Worship, 1996, p.4).

Limites e possibilidades

Como visto, o debate sobre a renovação litúrgica tem suas razões de existir. Outras razões ainda poderiam ser listadas. Contudo, é necessário, nessa discussão, haver um ponto de partida que possa nortear os avanços por uma renovação litúrgica saudável e que estabeleça os limites e possibilidades no uso de liturgias contemporâneas. Esse ponto de partida pode ser resumido na afirmação de John Pless de que “para os luteranos, a liturgia não é uma questão de sensibilidade estética ou preferências antiquárias, mas de doutrina, de confissão” (PLESS, 1996, p.23).

Uma vez que a liturgia é uma questão de confissão e doutrina, sua linguagem é “a linguagem da fé, não visa entretenimento, mas a edificação” (PLESS, 1996, p.26). Portanto, ao se investir tempo e trabalho no estudo e na elaboração de ordens de culto contemporâneas, faz-se necessário o critério da substância da liturgia – o seu conteúdo. Este deve ter primazia sobre o critério da forma ou estilo.

Tendo em vista que a questão da discussão litúrgica é uma questão doutrinária, não de estilo, a liturgia adotada por uma congregação faz parte da sua identidade. Portanto, suas implicações não são inofensivas, mas podem trazer resultados catastróficos para a identidade luterana.

A questão da identidade confessional luterana proclamada através da liturgia e do culto é algo que remete ao princípio *lex orandi e lex credendi*, ou seja, “a maneira como oramos e rendemos culto terá efeito na maneira como cremos” (ADAM, 2019, p.438). Dentro do princípio *lex orandi e lex credendi* há uma forte responsabilidade concernente a qualquer mudança litúrgica nas congregações, uma vez que tais mudanças podem afetar potencialmente o ensino e a fé da congregação.

A maneira como a igreja ora, molda e é, em um sentido real, a maneira como a igreja crê. Por que outro motivo os reformadores luteranos e protestantes teriam feito tentativas de reforma litúrgica em si? Mesmo no nível congregacional, mudar o que é feito na adoração carrega consigo a enorme responsabilidade de precisar estar ciente de que tais mudanças podem gerar mudanças potenciais no autoconhecimento e na fé da própria congregação. Se eu mudo a maneira como oro, canto e celebro a liturgia, a maneira como creio também pode ser mudada para bem ou, e este é o perigo, para mal (JOHNSON, 2011, p.251).

Assim, a pergunta que se coloca é: podemos ter uma liturgia que seja contemporânea e luterana? Essa não é uma pergunta que pode ser respondida de maneira simples. Os confessores luteranos afirmam no artigo VII da CA:5

Porque para a verdadeira unidade da igreja é suficiente que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a reta compreensão dele e os sacramentos sejam administrados em conformidade com a palavra de Deus. E para a verdadeira unidade da igreja cristã não é necessário que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens (MELANCHTON, 2006, p.31).

Essa afirmação da CA confere liberdade na expressão litúrgica da igreja. As congregações podem e devem avaliar os seus problemas litúrgicos e melhorar o que pode e deve ser melhorado. No entanto, se esse processo envolver o uso e elaboração de liturgias que sejam contemporâneas, é importante que as características essenciais da liturgia luterana histórica sejam respeitadas: a justificação pela fé, o perdão de pecados, lei e evangelho e os meios da graça. Essas características devem estar presentes em uma liturgia luterana. O estilo, aqui, pouco importa. A liturgia irá existir através de estilos distintos. Seja um culto tradicional ou um culto contemporâneo,

Ambos os “estilos” de culto são “liturgia” porque, claro, a liturgia, *Leitourgia*, é o que a comunidade cristã faz e celebra em união com Cristo, o “liturgista” (Hb 8.6) quando se reúne para ouvir sua palavra proclamada, participar de sua Ceia e “oferecer... orações e louvores [...]” (JOHNSON, 2011, p.250).

A liturgia da igreja é a riqueza da Palavra de Deus e dos sacramentos. Esses dois elementos estruturais da liturgia estarão sempre presentes. Toda e qualquer mudança ou inserção de novos textos e melodias em torno dos meios da graça devem levar em conta que:

Nossas ordens litúrgicas luteranas históricas são centradas em Cristo em oposição a centralidade no homem; elas refletem a teologia da cruz em vez da teologia da glória; elas se concentram na revelação especial, não na revelação natural; elas nos amarram aos meios da

graça; elas apelam para a fé em vez das emoções; e elas nos ancoram não no mito, mas na encarnação (PLESS, 1996, p.6).

Tendo em vista os princípios confessionais luteranos que abarcam a teologia luterana de adoração, pode-se dizer, também, que “liturgia é uma tradição criativa”, o que leva a crer que o uso da liturgia não coloca a igreja em uma espécie de camisa de força, muito pelo contrário:

Ela é uma tradição, pois nos foi legada pela Igreja do passado, num modelo mais ou menos fixo, a partir do ensino bíblico; mas, ao mesmo tempo, é criativa, isto é, vai se moldando e adaptando (em maior ou menor escala) aos contextos em que é atualizada (KARNOPP, 2012, p.7).

CONSIDERAÇÕES

A partir dessa pesquisa, pôde-se perceber a riqueza teológica da liturgia luterana histórica. A discussão em torno do uso de liturgias contemporâneas é mais uma questão de doutrina, identidade e confissão de fé do que uma questão de estilo. Os achados da pesquisa denotam isso! Portanto, acredita-se que as informações encontradas possam contribuir na reflexão sobre o uso da liturgia, especialmente dentro do contexto evangélico brasileiro onde os luteranos estão inseridos e são bombardeados com teologias de culto que são contrárias à tradição luterana confessional e que retiram a centralidade de Cristo na adoração cristã, colocando o homem no centro das ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Júlio Cezar. A Reforma da Missa por Martin Lutero: princípios para o fazer litúrgico no contexto brasileiro 500 anos depois. *ATeo*, Rio de Janeiro, v.23, n.62, p.434-454, mai.ago.2019.

GRIME, Paul J. The Theology and Structure of the Divine Service in The Good Shepherd Institute. *Journal for the Second Annual Conference*, nov.4-6, 2001. Fort Wayne, Indiana: Concordia Theological Seminary

Press, 2002, p.13.

JUST, Arthur A. Liturgical Renewal in the Parish. In: *Lutheran Worship: history and practice*. Concordia Publishing House, 1993.

JUST, Arthur A. Jr. The Ordinaries of the Divine Service: An Interpretation of Liturgical Texts. In: The Good Shepherd Institute, *Journal for the Second Annual Conference*, Nov.4-6, 2001. Fort Wayne, Indiana: Concordia Theological Seminary Press, 2002.

JOHNSON, Maxwell E. What is Normative in Contemporary Lutheran Worship? Word and Sacrament as Non-negotiable. In: *Currents in Theology and Mission*. n.38, 2011.

KARNOPP, David. *Culto divino*. Porto Alegre: Concórdia, 2012.

LCMS Commission on Worship. *Reflections on Contemporary/Alternative Worship*. LCMS Worship, 1996.

LIVRO DE CONCÓRDIA. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ed. Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor com explicações*. Tradução de Rodolpho Hasse. WACHHOLZ, Nilo (Ed.). 37.ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Concórdia, 2016.

PLESS, John T. Divine Service: Delivering Forgiveness of sins. *Logia: A journal of Lutheran Theology*, v.4, n.4, 1996.

_____. The Relationship of Adiaphora and Liturgy in the Lutheran Confessions. In: *And Every Tongue Confess: Essays in Honor of Norman Nagel on the Occasion of His Sixty-fifth Birthday*. VIEKER, Jon (Ed.). Nagel Festschrift Committee, 1990.

SCAER, David P. The Distinctive Spirituality of the Evangelical Lutheran Church. *Logia: A journal of Lutheran Theology*, v.VIII, n.2, 1999.